

# A TRANSCRIÇÃO DA FALA DO HOMEM RURAL: FIDELIDADE OU CARICATURA?

DULCE C. A. WHITAKER (\*)

ALEXANDRE DANTAS

ELIANA AP. ANDRADE

ELIS CRISTINA FIAMENGUE

ROSANE AP. ARAÚJO

VÍTOR MACHADO

## I - A DESCARACTERIZAÇÃO DO DISCURSO DO OUTRO

Este ensaio não foi elaborado a partir de um ponto de vista linguístico. É resultado da experiência acumulada em pesquisas sociológicas realizadas na zona rural. (\*\*)

Um dos problemas mais complicados na tarefa de transcrição pode ser enunciado da seguinte forma: como respeitar a fala do entrevistado? Quando o entrevistado pertence às classes privilegiadas, o problema não se coloca. Como num passe de mágica, a transcrição se transubstancia em discurso coerente, sempre reproduzido em ortografia correta, como se os falantes jamais cometessem hesitações ou deslizes fonéticos. Quando o entrevistado pertence a camadas outras, sob pretexto

---

\* Docente do Programa de Pós-Graduação - Sociologia - UNESP - Araraquara

\*\* Nosso grupo de pesquisa vem trabalhando com questões ligadas a Assentamentos de Reforma Agrária desde 1988. O 1.º projeto no qual atuamos foi um Censo dos Assentamentos do Estado de São Paulo: Análise e Avaliação dos Projetos de Reforma Agrária e Assentamento do Estado de São Paulo (FINEP / CNPq). Atualmente, trabalhamos com técnicas qualitativas no projeto "Assentamentos de Trabalhadores Rurais: a construção de um modo de vida em um campo de possibilidades e diversidades (Auxílio Integrado / CNPq).

de “respeitar-lhe a cultura”, cometem-se barbaridades do ponto de vista ortográfico, confundindo-se ortografia com fonética.

É evidente que a sintaxe de qualquer discurso deve ser respeitada para que uma transcrição seja fidedigna. Assim, se o falante comete erros de concordância ou de regência de verbos, por exemplo, deve-se reproduzi-los em qualquer transcrição. Até porque a norma culta da língua é por vezes desrespeitada mesmo nos grupos que se consideram mais eruditos. Transcrever erros de sintaxe não configura, portanto, falta de respeito em relação à fala do outro. Falta de respeito seria corrigi-los.

Os problemas com os quais este texto se preocupa ocorrem no nível fonético, quando, em sua onipotência, os transcritores julgam possível reproduzir uma pronúncia original, usando erros ortográficos. Quando um sujeito fala, ele está falando, não está escrevendo. Não está, assim, cometendo erros ortográficos. Diríamos até que não está cometendo erro algum. Usa a pronúncia característica do seu grupo social, e com ela recebe aprovação dos seus pares. Como transcrever esta pronúncia? O alfabeto que utilizamos em qualquer atividade, acadêmica ou não, não é um alfabeto fonético. Não dá conta, portanto, da imensa variedade de pronúncias das sociedades complexas. Por exemplo, como reproduzir o chiado do **S** dos cariocas? Como reproduzir as vogais abertas dos nordestinos? Os gaúchos pronunciam corretamente o **L** após as vogais. E nós paulistas, deveríamos transcrever nacional com **U**, quando pronunciado pelo presidente da república?

Os exemplos seriam infinitos. Estamos preocupados com o homem rural porque ele tem sido a vítima indefesa de transcritores bem-intencionados que julgam estar respeitando seu discurso e conseguem reproduzir apenas a caricatura de sua pronúncia. Em nossa opinião, esse tipo de tentativa de respeitar a fala do outro, como numa dialética negativa, gera desrespeito.

Respeitar o entrevistado implica, portanto, reproduzir apenas os “erros” de sintaxe, isto é, as formas peculiares de articulação do discurso. Escrever corretamente o léxico (sem erros ortográficos) nos parece fundamental para reforçar este respeito.

Afora isso, vale ressaltar que uma transcrição conduzida de maneira imprópria termina por truncar a leitura do texto, comprometendo sobremaneira sua fluência, e, por extensão, sua compreensão.

Estas críticas baseadas em experiência do grupo levantam problemas que merecem discussão. Este artigo surge, também, com o propósito de realizar sugestões que tornem mais eficientes os resultados da transcrição, dada a importância da fala do entrevistado, não só para a sua utilização em um determinado estudo, como também para uma valorização dessa fala, na maioria das vezes, ouvida e avaliada de forma preconceituosa. O que nos preocupa aqui é exatamente a produção do dado.

## II - SUGESTÕES DO GRUPO NO QUE SE REFERE À TRANSCRIÇÃO DO MATERIAL COLHIDO

Nesta segunda parte do artigo buscaremos sugerir algumas *normas de transcrição* que visem preservar o conteúdo do discurso do entrevistado, a fim de evitar o caráter caricatural que algumas transcrições, ainda que inadvertidamente, conferem à sua fala.

1.) A nossa primeira regra é resultado de nossas reflexões expostas na introdução desse texto. Ela diz respeito justamente à maneira como o texto é transcrito. Tomemos, a título de exemplo, a frase: "*O homem chegou e não deu para falar.*" Transcrita dessa forma ela não traz consigo qualquer preconceito seja de classe ou grupo social ou étnico. Porém, se ela for transcrita da seguinte maneira: "*O home chegô e num deu prá falá.*", carrega consigo o pressuposto de que o falante se encontra em uma condição precária -ou mesmo nula- de escolaridade. Ora, temos observado que quando o falante possui escolaridade e status mais elevado, mesmo que a pronuncie dessa última maneira, o transcritor não a transcreve assim. O transcritor, contaminado pela ideologia, corrige o discurso dos seus pares e o seu próprio, pois não fazê-lo, isto sim, seria "desrespeitar" a condição do falante, ou seja, um claro processo ideológico determina esse ato: corrige-se a fala do pesquisador (que também erra, mas

nunca aparece) e “respeita-se” a do entrevistado, caricaturizando sua maneira de falar.

2.) No entanto, acreditamos que quando emergirem palavras e expressões características da pessoa e do grupo ao qual ela faz parte, elas devem vir transcritas de maneira fiel à pronúncia, podendo-se, portanto, grafá-las em ortografia alternativa e colocada entre aspas. Por ex.: “cidadinha”. Esta 2.<sup>a</sup> regra funciona como uma espécie de exceção à 1.<sup>a</sup>. Já que toda regra tem a exceção que a confirma, esta licença nos foi sugerida pela prática. Ressaltar o pitoresco enriquece a transcrição quando feita de forma criteriosa. Esta é uma convenção do grupo.

3.) Não corrigir concordância verbal. Deve-se transcrevê-la da maneira exata que o falante a expressa, conforme explicitado na primeira parte deste artigo. Por ex.: “...*mandou nós fazer...*”; “... *depois que eu mudei perto dele nós namorou dois anos assim, firme*”. De forma geral, respeitar a sintaxe do discurso do entrevistado. Por ex.: “*Então eu parei pra mim ajudar em casa...*”; “*O meu filho ainda era de menor...*”.

4.) Risos - deve aparecer entre parentêsis na sequência da entrevista. Por ex.: “... *mas eu gostava muito de andar nas árvores (risos), eu não gostava de brincar com boneca...*”. Esta regra se coloca obviamente pela impossibilidade de reproduzir o som do riso com nosso alfabeto de 23 letras.

5.) Gestos significativos e expressões devem aparecer no texto entre parentêsis: Por ex.: (os olhos ficaram marejados de lágrimas); (A voz embargou). Esta prática ajuda a enfatizar sentimentos que se perdem na transcrição, uma vez que a riqueza da fala, cheia de ressonâncias, é impossível de ser assim reproduzida. Aqui alguém pode contestar. “Por que não usar só a fala gravada com sua maior riqueza? Ou o vídeo?” O caráter efêmero do som e da imagem obviamente é obstáculo à análise. Daí a necessidade da transcrição, única forma que permite ao pesquisador

debruçar-se sobre o dado e analisá-lo. Análise é processo demorado. Exige dados fidedignos.

6.) Quando a entrevista é interrompida por terceiros, deve-se explicitar tal interrupção em nota de rodapé para não quebrar o discurso, interrompendo seu fluxo natural, que lhe dá coerência.

7.) Resolvemos que a expressão “NÉ” ( NÃO É) deveria em nossos trabalhos aparecer da seguinte forma: *N/É* seguida de ponto de interrogação, quando estiver no final da frase. Por ex.: “*Era três quilômetros pra ir na escola, n/é?*” Se a expressão ocupar o meio da frase, a interrogação deve vir *seguida de reticências* e a frase continuar com letra minúscula. Por ex.: “Então, eu tentei, *n/é ?...*, mas a chuva não veio.” Esta medida visa mostrar a expressão como contração e não como erro. Contração esta presente em discurso de todas classes sociais, do lixeiro ao ministro e que só aparece na transcrição da fala do lixeiro.

8.) Nota de rodapé - Devem ocupar nota de rodapé também explicações acerca de palavras características. Enfim, notas de rodapé serão utilizadas sempre que o transcritor sentir necessidade de explicar procedimentos.

9.) Pausa no discurso - hesitação ou interrupção no pensamento devem ser seguidas de reticências. Por ex.: “chegava com as pernas... estocada de sangue.”

10.) A transcrição de uma história de vida (ou de outras entrevistas compreensivas), na medida do possível, não deveria ser feita por pessoas alheias à pesquisa. Deve ser feita pela pessoa que a colheu ou por um pesquisador do mesmo grupo e que, portanto, compartilha das mesmas preocupações, ainda que a partir de diferentes enfoques. Esta medida evita que os dados sejam desvirtuados de sua proposta inicial e é necessária para que não se incorra em erros de ordem interpretativa.

Afinal, o rigor com dados científicos não deve ser esquecido e os dados de uma entrevista são os dados de um pesquisador. Eles podem ser postos à disposição de outros pesquisadores interessados na mesma temática. Daí a importância do rigor na produção do dado.

Este texto foi produzido a várias mãos, o que demandou longas reuniões sistematizadoras de longos anos de experiência. Paradoxalmente é um texto curto. O paradoxo é apenas aparente. Usamos muito tempo para realizar esta síntese. No entanto, isto não significa que a síntese esteja fechada. Trazê-la à discussão é um primeiro passo para provocar novas antíteses e reformular o que for necessário.